

# A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. resp. Marcos E. C. de Carvalho

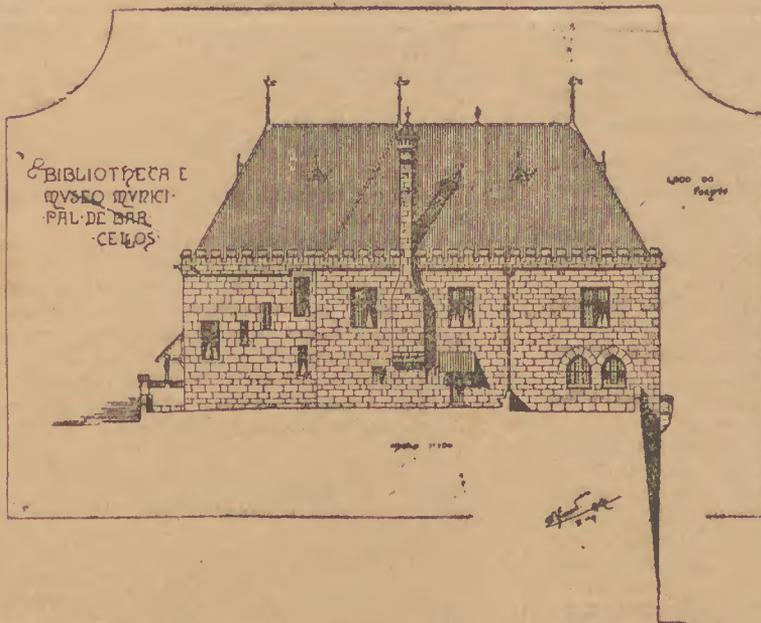
Barcellos, 29 de março de 1903

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600

Red. e offic.: Typographia Barcellense

## PAÇOS DOS DUQUES DE BARCELLOS

Ahi fica hoje o terceiro alçado—o do lado poente—do projecto monumental de restauração dos Paços dos Condes e Duques de Bra-



gança em Museu e Bibliotheca.

Seremos, para muitos, maçadores martelando demoradamente no assumpto que tanto nos interessa; porem em obra de tanta monta o sermos persistentes é a satisfação d'um dever jornalístico e patriótico.

São muitos os lados por onde pôde ser encara-da a restauração.

Pelo lado esthetico é incontestavelmente agra-davel, merecê não só do trabalho archeologico, mas tambem do local em que vai ser levantado.

O museu pôde ser um repositório dos restos d'archeologia local e, á falta de muitos elemen-tos d'essa natureza, temos ainda que recorrer ás industrias concelhias que nos offerecem eu-rioidade de muito apreço, como seja a da ce-ramica.

A bibliotheca escusado será salientar a utili-dade que representa.

Por ultimo:—¿ e esses dez ou doze contos não veem animar o trabalho n'uma povoação tão es-cassa d'elle? ¿E se não fosse este lance poderia-mos acaso fazer derivar para Barcellos—terra tão esquecida pelos governos—tão boa maquia?

Porisso rejubilamos ao ler a noticia de que o projecto fóra approved superiormente.

### Lago do Jardim

Já nos foi remettido o desenho de Raphael Bor-dallo Pinheiro destinado ao levantamento d'um acascatado no novo lago do Jardim.

Escusado será dizer que n'elle está o dedo do Mestre e rigorosamente executado trará ao nosso passeio publico, e portan-to a Barcellos um formo-so retalho d'Arte.

Não permitem as en-sanches do cofre do Mu-nicipio larguezas para se realizar presentemente to-da a obra, porém «Roma e Pavia não se fizeram n'um dia» e «devagar se vai ao longe.» Por estes dias se iniciarão os tra-

balhos. Já foi encomendada uma, a principal peça ornamentativa que encim o alçado (em nosso poder) e as outras virão mais tarde.

Brevemente publicaremos o desenho do illus-tre ceramista e por elle os leitores da «Lagri-ma» avaliarão do valor que possui.

## SUPPLICA

No meu Alvaro C...

Amo-te tanto, meu bem!

Amo-te tanto, repito!

É o teu desdem, infinito,

Corta-me a alma de dôr!...

Dá-me um riso d'esses labios!

Dá-me a luz dos olhos teus!

Oh! sim! pelo amor de Deus,

Dá-me o bem do teu amôr!

(A pedido)

Rosa T.....

*Um cão Zelador*

Fomos informados por um dos nossos mais activos *reporters* de que o sr. Manoel da Barca possui um precioso animal da especie canina—que é, como quem diz um cão—que desempenha com superior faro e inexcedivel criterio certos serviços inherentes ao Codigo de Posturas.

—Um cão, emfim, tão zelador como o sr. seu amo!—acrescentou de olhos esboalhados e mãos no ventre o nosso prestimoso informador.

Ora nós que somos muitissimo intelligentes e que estamos habituados aos exageros da curiosa reportagem, calculamos logo que havia grandioso augmento na narração das habilidades do bichano.

Para tirarmos o nosso espirito de duvidas, dirigimo-nos immediatamente a casa do sr. Manoel da Barca, decididos a verificar com os nossos proprios olhos—que a terra ha-de comer: salvo seja!—até que ponto chegava a perspicacia do celeberrimo animal.

Como sabemos que o sr. Manoel da Barca é um devoto apaixonado do licor do nosso amigo João Fernandes levamos no bolso uma garrafinha cheia d'aquelle precioso liquido, para que elle se prestasse de melhor vontade a dar-nos as informações que desejavamos.

Uma vez no domicilio d'aquelle sr. tocamos a campainha e esperamos ansiosos.

O coração batia-nos com uma força desordenada: *tic-tac, tic-tac, tic-tac...*

É nada. Nem o mais leve rumor respondeu á nossa primeira chamada.

Estavamos já atrapalhados da nossa vida.

Tornamos a tocar, mas d'esta vez com tal força que a campainha, com o impulso, saltou do frágil cordão que a prendia e foi dar em cheio no formoso rosto do nosso amigo, que sobresaltado com o ruido, já descia apressadamente as escadas.

Quando elle nos abriu a porta ficamos desolados: tinha o nariz achatado, a espirrar sangue e na testa dois gallos, de tal tamanho que até pareciam estar a cantar: *cá-ca-rá-cá-có-có-ró-có.*

Estavamos encavacados. Imaginamos que o Manoel da Barca nos ia fazer em postas, com o auxilio do seu enorme bengalão.

Com o medo nem podíamos falar. Por fim, sempre lhe dissenos, a tremer:

—Você desculpe, homem mas... sim, você bem sabe... tocamos a primeira vez... mas... você... sim... parece que não ouviu... sim... tocamos... sim, você bem sabe... tocamos outra vez... sim... e agora... sim, agora é que ellas são... sim... a campainha... sim, você bem sabe... sim... arrebitou... e sim... sim... sim...

—E chapou-se-me na cara com uma força

que até parecia... eu nem sei o que parecia, o que sei é que eu lhe devia esmigalhar os ossos, seu...

E avançou para nós com um gesto feroz, iracundo, ameaçando a terra, o mar e o mundo...

N'este momento tivemos uma ideia genial: lenbramo'-nos do licor que levavamos no bolso e puxando da garrafa mostramol-a, satisfeitos, bradando:

—Oh! sr. Manoel: quer você um bocado do licor do João Fernandes? Talvez que tomand-o-o lhe faça bem aos seus ferimentos...

—Homemlisso nem se pergunta. Deixe cá ver.

E atirando fóra a bengala, despejou em dois tragos todo o licôr que a garrafa continha. No fim, já estava alegre. Nem se lembrava das feridas, nem de nada. Deu-nos uma pancadinha nos hombros e disse-nos ao ouvido, com ares de grande intimidade;

—Olhe que este licor é uma perfeita maravilha. Cá para mim é a unica coisa que levo d'este mundo Mas... agora me lembro, o meu amigo ainda me não disse o que o traz por esta sua casa.

Diga o que deseja da minha pessoa: estou ás suas ordens.

Contamos-lhe, então, em duas palavras, o motivo que nos levava a procural-o.

—Ora espere ahí um bocado, que eu vou lavar a cara, para desapparecer alguma pinta de sangue que tenha, e vamos depois dar um passeio, acompanhados pelo cão, para o sr. vêr até onde chega a sabedoria do meu bichano.

D'ahí a pouco, voltava o Manoel da Barca, de cara lavada e acariciando o seu prestimoso animal.

—Venha comigo, disse-nos elle.

Isto é um cão que só lhe falta a fala para parecer gente.

E fomos passear pela villa, acompanhados pelo sympathico animal. Ahí pelas alturas do Campo da Feira, encontramos, em frente aos Terreiros, um enorme bando de gallinhas.

—Quer vêr, diz-nos o Manoel da Barca, como eu sei já quem é o dono d'aquellas gallinhas, para lhe applicar a respectiva multa?

—Ora vamos a ver isso, respondemos, ainda meio descrentes.

Manoel da Barca indica o sitio em que as gallinhas se encontravam ao seu animal, que partiudo como uma flecha, as persegue continuamente, não as abandonando senão depois de ellas terem entrado em casa do seu dono. Feito isto, vem ao pé do seu amo, olhando-o como quem diz:

«Está feito o meu dever. Agora, faz o teu».

—Aqui está, diz-nos o Manoel da Barca, a habilidade do meu cão. Encontrou-me o dono d'aquellas gallinhas: não tenho mais na'la a fa-

## A LAGRIMA

zer senão ir applicar-lhe a respectiva multa.

Nós, concordés na sciencia do animal, vamos propôr á exm.<sup>a</sup> Camara que ceda uma quarta parte do producto das multas para que elle, nos dias de serviço, tenha melhoria de rancho.

### HUMORISMOS

#### III

#### Que horror!

Queria-lhe elle idolatradamente,  
Ella era esquiua mas tambem lhe qu'erias  
Elle peusava n'ella noite e dia,  
E ella n'elle tambem constantemente.

Concebeu elle um plano d'imprudente:  
Quando a noite viesse, escura e fria,  
Escalar a janella tão sombria  
E entrar no quarto d'ella, de repente.

Assim fez. A tremer abre a janella,  
Encontrando-a gentil e linda e bella,  
Desnudada, ao espelho attenta e só.

Mas que horror! essa cabelleira rãra  
Qu'elle tanta e tanta vez admirãra  
Não era natural, era um chinó!

*Furão.*

#### Gastigo do Céu

Dizem que Deus escreve direito por linhas tortas...

O Antonio Justiniano de Lima, continuo na Assemblêa, avisou o nosso amigo sr. Julio Faria que os seus subordinados não eram capazes de extinguir de vez a venda ambulante (na feira semanal) de phosphoros de fabrico clandestino.

—Eu, sim, frisava o Lima, é que sou capaz de isto e d'aquillo.

E como se tratava de phosphoros, accrescentava que tinha lume no olho para a extincção completa do fabrico.

O sr. Faria, já receidoso... de que n'esta sãna o Lima realmente acabasse com tudo que dissesse respeito a lumes de espera gallego—como intelligente que é—philosophou: cessando a causa, cessa o effeito; acabando o fabrico em questão não é precisa guarda dos phosphoros... E lá vae o meu emprego.

No emtanto, com um sorriso nos labios disse ao Lima que mettesse mãos á obra.

\*

E se melhor lh'o disse, melhor o fez. Chegou a ir perder uma noite a S. Julião, para *cócar*, para descobrir o filão...

—Que os empregados (por dever de officio) cumpram os seus deveres, é natural; porém que, por ganancia, um filho do povo se metta a tão baixa especulação, custa a crêr; isto dizia ao Lima a sua consciencia.

\*

Certa quinta-feira o ferrabraz do Lima toma d'assalto uma mulhersinha:

—Bote pra cá os lumes. «São ordens. Marche lá p'ra diante».

A infeliz largou a trouxa do contrabando e deu ás de Villa Diogo, sem dar tempo a qué o Lima a catrafilasse.

A mulher, porém, procurou a mais justa das desforras.

Informou-se que o continuo guardára os phosphoros no kiosque que possui proximo ao templo do Senhor da Cruz e foi astuciosamente prevenir os fiscaes dos impostos—que tambem têm interferencia n'estes e n'outros contrabandos—que o Lima tinha phosphoros de pau a vender. E aqui a femea deu-lhes signaes certos.

Na tarde d'essa celebre quinta-feira, no comboio correio, tomaram logar n'um compartimento de carruagem de 3.<sup>a</sup> classe tres individuos. Dous armados de revolver e outro com um sacco aos hombros, triste, chorando lagrimas de sangue... de carrapato.

Os leitores adivinharam já! O homem do sacco era o Lima que, acompanhado de dous empregados do fisco, seguia preso para a repartição competente, de Braga, como... contrabandista, mercê do plano da vendedeira de phosphoros.

\*

Deus escreve ás vezes direito por linhas tortas...

#### Notas diversas

Regressou a esta villa, vindo de Anadia (Bairrada) o sr. Paes de Faria.

Concluiu ali com distincção o seu curso da Escola Agricola.

A these que defendeu foi: «o tomate pôde propagar-se por enxertia?»

—Por ter aconselhado o sr. Paulo Duarte a fazer exame de consciencia, antes da sua confissão na presente quarisma, foi pronunciado sem fiança o Zó da Mãe (filho).

—A fim de liquidar a fortuna que no Brazil (Pelotas), deixou o pobre Eirôgo, seguiu hontem pelo Porto de Martim para aquelle ponto da republica sul-americana o Duque, da casa da Fonte de Baixo p'ra cima.

—Foi preso em Midões o manco refractario João Bernardo do Amaral, que marchou

## A LAGRIMA

escotado para o quartel general em Abrantes, onde vai ter assento.

—A commissão de remonta adquiriu na ultima feira das Necessidades a jumenta leiteira do Lucas Nevoeiro.

—Na noite passada foi raptada, pelo sr. Augusto Motta, a menina Rosa Léoa.

Como são menores, vão ser capturados. Para esse effeito seguiu hontem, no seu carro, o sr. Cortinhal em direitura ás Necessidades, que não são só em setembro, logar onde se suppõe estarem refugiados.

—Sustenta o J. Trompa que o oleo de figados de bacalhau é extraido do peixe Sapatão.

—Analyse chimica do café de Moka.

Casca de pinheiro . . . . . 500 gr.

—Fava secca . . . . . 300 »

Pó de bogalho . . . . . 200 »

—Ha dias uma pessoa muito em evidencia na politica da Confraria de S. Martinho tomou um carro na Alquilaria Sarrilha e mandou-o dirigir para Lijó.

O cocheiro perguntou, como não conhecia o concelho, que estrada devia tomar.

Já tinha o vehiculo andado alguns minutos e o cocheiro:

—Lijó é muito distante?

—Lijó é ali já.

—Póssou... E' Lijó ou Alijá?

### Secção dedicada ás criadas de servir e por ellas collaborada

Inauguramos hoje na «Lagrima» esta nova secção que muito vai interessar as criadas de servir.

\*

«Não são só os caixeiros, os barbados, tambem nós temos direito ao descanso dominical. Proponho pois que, desde que vá por diante o projecto de lei obrigando ao encerramento das lojas ao domingo, a classe caixeiral escale entre si uma especie de rancheiros que nos façam o jantar n'esses dias de descanso em paga de nós cosinharmos para essa classe todos os dias.

Arminda (do Major)

\*

«Nenhuma classe tem menos compensação que a nossa. Ganhamos de 800, 1:000 a 1:500 por mez. Raro nos é permittida a saída de casa, menos que não seja á missa.

Pagamos um prato se o quebramos; sômos despedidas por namorar, quando o namoro é a escaida do casamento.

Já não succede isso tão frequentemente com o caixeiro.

E no entanto que é a familia sem a serviçal? Ella é ama secca e ama de leite; é alcoviteira; é

cosinheira—que demais tem de sacrificar o seu paladar ao gosto dos outros.

E se cuidam que eu que me engano...

Luíza (do Faleão)

\*

«Eu cá sempre fui da opinião que precisamos descansar ao domingo. Pois enfão! nós que todos os dias lavamos, cosinhamos, esfregamos, arrumamos, que temos um trabalho incrível, sempre a lidar com couves e ervilhas, nabos e nabijas, grelos e tomates, etc. etc. não havemos de ter um dia de semana em que descansemos de tanto labutar?

Está visto que havemos de ter; vamos fazer uma representação ao parlamento e se fôr preciso, vamos até a Lisboa e veremos se o governo não attende immediatamente as nossas pretensões...

Eu, por mim, sou de opinião que se realice um comicio com a maxima brevidade para se resolver o melhor caminho a seguir, e que até lá fique em vigor a seguinte commissão de vigilancia:

- Presidenta,
- Arminda (do Major)
- Vice-presidenta,
- Maria Téca
- Secretaria,
- Marcellina (do Arnaldo Azevedo)
- Vice-secretaria,
- Luíza (do capitão Osorio)
- Vogaes,
- Maria (do Delfino Esteves)
- Maria (do Azevedo, da fazenda)
- Vogaes (substitutas)
- Anna (do Luiz Vieira)
- Maria (do morgado Carmona)
- Estephania (do Soucasaux)
- Maria (do Adolpho Cibrão)
- Anna (do Francisco Carmona)

E cá comnoseo não ha fanfias...

Deolinda Buruca.

\*

Sou pessimista. Opino pois que—uma vez que a classe não tem voto, nada consegue no sentido do descanso dominical.

E, portanto, com os politicos nada fazemos mais do que é costume fazer-se aos melões para se saber se estão maduros.

Anna (do Cardoso)

\*

Podemos informar os nossos leitores de que o comicio se realisará no proximo domingo, de traz das Freiras, na propriedade dos srs. Antonio e Armindo Mattos.

Por absoluta falta de espaço não publicamos n'este numero a «Secção franceza».